

DESENHO DE MEMÓRIA: A PERCEPÇÃO ATUAL DE CRIANÇAS SOBRE UM PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO

*Vitória Minzoni Rezador¹
Paulo César Castra²*

Resumo: No âmbito da Arquitetura e Urbanismo, o desenho exerce uma função de ferramenta investigativa e reflexiva, constituindo-se como um meio essencial para entender as assimilações que os usuários fazem de determinado espaço. Neste contexto, a pesquisa visa investigar os processos de significação existentes nas representações gráficas sobre um edifício escolar tombado, com o intuito de compreender quais as percepções que os alunos possuem sobre esse espaço enquanto patrimônio cultural. Foi realizada uma atividade orientada no antigo Grupo Escolar e atual Escola Estadual Eugênio Franco (São Carlos, SP), em que os alunos foram convidados a desenharem os espaços da escola. A partir da análise desses desenhos, foi possível identificar a organização, o uso, as vivências cotidianas e as apropriações dos atuais espaços da escola e suas relações com o edifício escolar enquanto Patrimônio Cultural e Grupo Escolar do século XX.

Palavras-chave: desenho de memória, desenho investigativo, patrimônio cultural, representação gráfica.

Abstract: In the context of Architecture and Urbanism, the drawing exercises a function as an investigative and reflective tool, as an essential means to understand the interpretations that users make of a given space. In this context, the research aims to understand the processes of signification that exist about an protected school building with the aim of understanding the perceptions that the students have about this space as cultural heritage. It was done a supervised activity in former School Group and actual Public School Eugênio Franco (São Carlos, SP) in which the students were invited to draw the spaces. From the analysis of these drawings, it was possible to identify the organization, use, daily experiences and appropriations of the current spaces of the school and its relations with the school building as Cultural Heritage and School Group of the XX century.

Keywords: memory drawing, investigative drawing, cultural heritage, graphic representation.

¹ Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. vitoria.rezador@usp.br.

² Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. pcastral@usp.br

1 Introdução

O presente artigo insere-se na linha de investigação sobre as relações simbólicas vinculadas a um bem considerado patrimônio cultural. A proposta do trabalho está centrada em investigar representações gráficas, no caso, desenhos de memória, dos alunos da Escola Estadual Eugênio Franco, de São Carlos-SP, sobre a percepção desses sobre a mesma. Fundamenta-se a discussão na abordagem merleau-pontyniana de relação entre processos perceptivos e meios de representação, investigando quais as percepções que as crianças possuem sobre o espaço enquanto patrimônio cultural, e como tais percepções são moldadas a partir de sistemas simbólicos que fazem parte desse objeto arquitetônico, com especial atenção para a experimentação e ressignificação desse espaço escolar.

O desenho se coloca como uma ferramenta essencial para entender as interpretações que os alunos fazem de determinado espaço, posto que o ato de desenhar proporciona processos de percepção e assimilação por parte daquele que desenha. Além disso, tal ferramenta tem o papel de funcionar como instrumento de reflexão, apontando elementos simbólicos relevantes na compreensão do edifício, enquanto objeto arquitetônico e patrimônio cultural, por parte daquele que desenha. Dentro desse panorama, o estudo discute como os alunos de um edifício escolar tombado compreendem e registram os símbolos que permeiam o ambiente em que estudam.

A memória de um grupo é resgatada por meio de objetos que carregam consigo símbolos identitários. Nesse contexto, entende-se a importância de trazer à tona as discussões sobre os processos de patrimonialização, por isso, o estudo mais aprofundado sobre Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial se fez necessário. Sendo assim, a pesquisa parte da discussão sobre patrimônio cultural enquanto construção simbólica, relacionando-o a Educação Patrimonial, para posteriormente, aprofundar nas análises dos 89 desenhos de memória produzidos pelos alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Eugênio Franco, São Carlos-SP.

Como será demonstrado ao longo deste artigo, observa-se que os desenhos realizados pelas crianças estão repletos de símbolos em relação a escola que vivenciam, remetendo a importância de se incentivar a representação gráfica como ferramenta de descoberta e compreensão. Os desenhos denotam processos de investigação, percepção e significação em relação a escola. De um modo geral, a partir da análise dos desenhos será possível identificar os diferentes modos de compreender e representar determinados espaços da escola em questão, denotando o caráter investigativo e expressivo próprio dessa ferramenta.

2 Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial

O espaço assume o papel de mediador de significados e sentidos, carregando consigo uma rede de signos e representações culturais. “[...] os espaços arquitetônicos são organizados, arranjados, segundo sua função, seu propósito, e como qualquer espaço, também proporcionam sensações subjetivas” (CASTILHO, 2014, p. 40).

A fim de analisar o espaço escolar como espaço de memória e mediador de significados e sentidos, faz-se necessário discutir sobre o papel da Educação Patrimonial nesse processo. A Educação Patrimonial começou a ser vista com certo protagonismo no momento em que as políticas preservacionistas passam ser aborda conceitos mais amplos de patrimônio. O conceito de Patrimônio Histórico, com ênfase nos bens materiais, foi revisto em função da atenção à outras manifestações que representavam a identidade de um grupo social. Adota-se, partir de então, o conceito de Patrimônio Cultural,—envolvendo a própria comunidade no processo de definição e salvaguarda de práticas e espaços que representem sua cultura. Nesse sentido, com o envolvimento dos sujeitos representados por meio do Patrimônio, o papel da Educação Patrimonial se torna fundamental (THOMPSON; SOUZA, 2015). A Coordenação de Educação Patrimonial (Ceduc),

[...] defende que a Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera, ainda, que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de Patrimônio Cultural. (FLORÊNCIO *et al.*, 2014, p. 19).

Outro ponto a ser destacado é o papel da Educação Patrimonial como processo de significação e mediação simbólica, termo cunhado pelo psicólogo russo e educador L. S. Vygotsky (1896-1934) (FLORÊNCIO *et. al.*, 2014). No presente estudo, o espaço escolar é adotado com potencial para desempenhar o papel de elemento mediador em tal processo de cognição. A significação incorporada nesse objeto social, ao ser apropriada pelo indivíduo, exerce uma ação transformadora sobre as funções psíquicas e é justamente essa apropriação que leva o indivíduo a se estruturar e organizar seu pensamento. Nesse sentido, “Os instrumentos e signos, social e historicamente produzidos, em última instância, mediam a vida” (FLORÊNCIO *et. al.*, 2014, p. 22).

O espaço ao ser vivenciado pelos indivíduos, se coloca como o elemento constituinte de suas experiências e conseqüentemente, de seus processos de significação. Conforme Unwin:

O lugar é a condição *sine qua non* da arquitetura. Nós nos relacionamos com o mundo por meio da mediação feita pelo lugar. Situar-nos é um requisito a priori para a nossa existência. Ser implica estar em um lugar específico em um momento específico [...] sejam simples ou complexos, os lugares nos acomodam, acomodam as coisas que fazemos e os nossos pertences; eles criam as estruturas nas quais existimos e agimos. Quando funcionam, desvelam o mundo para nós; ou nós entendemos o mundo, no sentido físico e psicológico, por meio deles. (UNWIN, 2013, p. 24).

O espaço está carregado de conceitos, símbolos e significados que vão interferir de alguma forma naqueles que o vivenciam e a experiência espacial desse é a mediadora para a construção de significados e sentidos. A mediação nessa instância, é entendida como um processo de aprendizagem e de influência na formação do indivíduo, no processo de construção de sua identidade (CASTILHO, 2014). Pode-se concluir então, que a experiência vivida é a base para o processo de significação. Nesse sentido, sabendo da construção ideológica do patrimônio cultural, colocada em pauta através da Educação Patrimonial, a partir da análise das representações gráficas será possível identificar qual a compreensão dos usuários acerca de um prédio considerado patrimônio cultural – no caso uma escola, e como esses percebem e apreendem um espaço carregado de sistemas simbólicos.

3 O espaço como mediador de significados

O antigo Grupo Escolar Eugênio Franco, atual Escola Estadual Eugênio Franco, surge em São Carlos na década de 1900 dentro dos moldes republicanos de propagar a escolarização da época. O prédio principal apresenta uma série de características comuns às construções escolares do período da Primeira República (BUFFA; PINTO, 2002). Realizado em apenas um pavimento, possuía 8 salas de aula de 8,50m x 6,00m, dispostas ao longo do eixo de circulação, que juntamente com os espaços administrativos, configuram uma construção em bloco, dividida por um eixo de simetria, com um pátio descoberto ao centro. Em 2010, foi aprovado o processo para a restauração do edifício, pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE, 2010). Além dos espaços a serem restaurados, o porão da escola foi ativado para o uso, que com a reforma passou a abrigar algumas salas de aula, onde são realizadas as aulas de artes, e a sala de leitura.

Os grupos escolares marcaram a constituição da escola primária moderna como modelo ideal e hegemônico, como lugar social de educação da infância, e mais que um

local propagador da instrução elementar, esses eram os grandes representantes da obra republicana. Essas instituições representavam o progresso, o futuro, o "entusiasmo pela educação" e o "otimismo pedagógico" (NAGLE, 2009). Como forma de reforçar essa posição, o grupo escolar se apresentava para a sociedade de maneira monumental, em edifícios grandiosos e imponentes, que se destacavam na paisagem da cidade (FARIA FILHO, 1998). Como aponta Souza (1998, p. 133), o caráter "civilizador" do grupo escolar foi ressaltado por ele ter sido suporte de vários símbolos da nova ordem política e da nova sociedade. Toda a configuração espacial do edifício era projetada conforme as concepções de infância e aprendizagem da época, da função social que a escolarização assumia no projeto republicano e do papel da educação na formação do indivíduo (SOUZA, 1999). Sendo assim, a estruturação espacial de todo o espaço escolar mostrava a real função da escola na Primeira República, a de servir para docilizar os corpos.

Toda a projeção do lugar visava à concentração, à imersão nos estudos e nas tarefas escolares. As grandes janelas que permitiam a invasão da luz na sala de aula 'obscurciam' o ambiente externo, o jardim, a calçada, a rua, a cidade. Vemos assim como um critério de adequação arquitetônica corresponde às necessidades disciplinares. A disposição retangular da sala de aula facilita a concentração da atenção dos alunos em uma das extremidades, isto é, onde fica o professor e o quadro negro. Facilita ainda a visualização e a disposição das carteiras, o mais importante móvel escolar. (SOUZA, 1998, p. 139).

Dentro desse panorama, analisar a apropriação e ressignificação desse espaço escolar, inserido em um outro contexto histórico, torna-se essencial para entender a noção de pertencimento do indivíduo e as relações que se dão atualmente nesse espaço, e se essas trazem consigo os significados e sentidos que possuíam no passado, a fim de compreender e preservar esse espaço de memória. Esses sistemas simbólicos serão identificados pela presente pesquisa por meio de representações do espaço, orientadas essencialmente através do desenho. Justifica-se a opção metodológica em função do indivíduo expressar os símbolos, mediadores de sua relação com o patrimônio, por meio da inserção dos mesmos na representação gráfica em questão.

4 Sistematização dos desenhos

A fim de compreender como os alunos da Escola Estadual Eugênio Franco entendem esse espaço enquanto patrimônio cultural, foi realizada uma atividade de desenho orientada na escola com a adesão voluntária dos agentes envolvidos por meio de termo de consentimento. Participaram dessa atividade 89 alunos da Escola Estadual Eugênio Franco, cursando o 1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano do ensino fundamental. A escolha de vários

anos diferentes foi devido a possível comparação e distinção entre símbolos e espaços representados nos desenhos pelas crianças em diferentes níveis de complexidade de estruturas de representação.

A atividade de desenho foi realizada dentro das salas de aula correspondentes aos anos dos alunos, mas vale ressaltar que todas as salas possuíam as mesmas dimensões e objetos. Como estratégia de aproximação aos alunos sem promover estranhamento, a coleta dos desenhos foi configurada de modo a integrar as atividades didáticas da disciplina Educação Artística, contando com a presença do docente responsável. Nesse sentido, a coleta estendeu-se por um período de 02 semanas (de 07 a 18 de maio de 2018), adequando os horários da disciplina para as diferentes séries e a disponibilidade dos pesquisadores. A escolha metodológica condicionou o tempo dado para a execução dos desenhos pelos alunos, ou seja, a atividade estava inscrita no período de 50 minutos, que correspondia à duração da aula.

Para cada aluno participante foi entregue uma folha branca de formato A4 e os materiais diversos para o desenho (lápiz, caneta hidrocor, giz de cera, lápis de cor, régua etc.) eram do próprio aluno. A atividade com os alunos foi iniciada com uma conversa onde se verificou a existência de diferentes níveis de reconhecimento da historicidade do edifício, apontada anteriormente por meio de entrevistas semiestruturadas com os agentes educadores. A partir dessa atividade de rememoração, os alunos foram instruídos a desenharem de memória o espaço da escola que mais representava essa diferença, a historicidade do edifício, em relação a outros espaços que conheciam, como outras escolas da cidade, sua casa, o clube, entre outros. O desenho de memória foi adotado pela pesquisa como instrumento metodológico de coleta de dados em função da capacidade que esse tipo de representação gráfica tem de instituir no indivíduo uma classificação dos elementos do espaço representado. Ao realizar um desenho de memória a criança faz um trabalho de seleção, com base na sua percepção, assim, alguns elementos são retratados e outros, conseqüentemente, excluídos (MASSIRONI, 1982). Isso possibilitou caracterizar a importância de determinados elementos da rotina escolar dos estudantes. Para o presente estudo, o desenho de memória se torna essencial pois a representação de determinado espaço da escola, por esse meio, apresenta e organiza informações sobre a configuração simbólica de determinado espaço, visto que mobiliza lembranças que são pautadas por afetos, revelando como cada aluno entende e registra a partir de sua percepção individual.

4.1 Análise dos desenhos

A análise feita a seguir foi fundamentada na abordagem fenomenológica desenvolvida por Merleau-Ponty sobre a noção de percepção. A apreensão dos fenômenos se dá por meio da percepção do sujeito em uma relação de reciprocidade e interatividade, a partir de uma perspectiva da experiência (MERLEAU-PONTY, 2006). Nesse sentido, por meio da experiência vivida pelo sujeito, esse descobre a presença de outros aspectos que correspondem tanto às pessoas como aos demais elementos passíveis de serem percebidos, em uma relação de afetividade (MARCON; FURLAN, 2015). Assim, o que se vê nos desenhos é menos uma expressão da realidade de fato e mais uma relação de afetividade entre quem vê e o que é visível.

Considerou-se também as fases dos desenhos definidas por Geroges-Henri Luquet em seus estudos de doutorado e depois publicados no livro *O Desenho Infantil* (Le Dessin Infantin, 1927). Dentre as quatro fases do desenho infantil³, a amostragem da pesquisa inscreve-se na fase do Realismo Intelectual, ou seja, um momento em que a criança ainda não pretende um aproximação fotográfica do visto, como os adultos, mas objetiva representar o que ela sabe sobre o objeto. Articula diversos pontos de vistas, elementos visíveis e não visíveis (mas conhecidos), e busca o que Luquet ([1927] 1969) chamou de exemplaridade de cada elemento. No entanto, segundo o próprio autor, a representação se inscreve mais dentro do repertório de inferências da criança do que no universo visualidade dos objetos.

Esse realismo intelectual pode ser levado até o ponto de reproduzir no desenho não só os elementos concretos invisíveis, mas mesmo os elementos abstractos que só tem existência no espírito do desenhador. (LUQUET, 1969, p. 159-160).

As atividades de coleta de dados resultou em uma amostragem de 89 desenhos. Tal conjunto foi organizado, em um primeiro momento, em quatro grandes grupos de acordo com categorias temáticas: edifício (visão externa); recreação; sala de aula; e sala de leitura. Essa divisão foi definida a partir da comparação por aproximação dos motivos principais figurados. A aproximação teve como principal objetivo possibilitar um segundo processo de comparação. Nesse segundo momento da pesquisa observou-se quais elementos eram enfatizados na representação para figurar cada situação e quais estratégias gráficas foram mobilizadas pelos alunos. As recorrências e particularidades, devidamente sistematizadas, permitiram verificar as inquietações iniciais da pesquisa - como os alunos apreendiam o patrimônio cultural e como as características republicanas

³ As fases do desenho infantil definida por Luquet são: Realismo Fortuito (Le Realisme Fortuit); Realismo Fracassado ou Falhado (Le Realisme Manqué); Realismo Intelectual (Le Realisme Intellectuel); e Realismo Visual ou Narração Gráfica (La Narration Graphique) (LUQUET [1927] 1969).

do espaço escolar poderiam ainda influenciar tal apreensão. Foram selecionados 10 desenhos para a discussão no presente artigo. Tais desenhos foram escolhidos na condição de exemplaridade do conjunto a que pertencem, possibilitando na análise particular revelar questões recorrentes na amostra da pesquisa.

Os primeiros desenhos caracterizam as duas estratégias gráficas mais recorrentes entre a amostragem da pesquisa. A primeira estratégia resulta em desenhos por meio dos quais é possível perceber uma relação mais próxima ao real por meio de uma representação carregada de similaridades, diferente da segunda estratégia que é definida por resultados que se aproximam mais a uma tradução dos conceitos dos lugares.

A Figura 1 pode ser adotada como exemplar da primeira estratégia. O espaço em questão é a sala de leitura, localizada no porão da escola. Ao analisar a relação entre a fotografia tirada no local (Figura 2) e o desenho de memória realizado pelo(a) aluno(a), percebe-se a fidelidade de alguns elementos utilizados para representar o local, como a colocação do globo em cima da estante de livros, a própria estante de livros, mesmo que desenhada com uma dimensão bem maior que a real, e a mesa, com a mesma perspectiva de quando se olha de frente. Além desse fato, é possível observar alguns elementos, localizados acima da estante de livros, pertencentes ao imaginário do(a) aluno(a), como o gato e a boneca. Esse fato pertence ao processo de criação da criança, que tem a liberdade de realizar um desenho a partir das inferências sobre o espaço confirmando a classificação na fase de Realismo Intelectual (LUQUET, 1969), enfatizando um valor para os livros, por meio do exagero na dimensão da estante, e relação afetiva ao incorporar brinquedos.

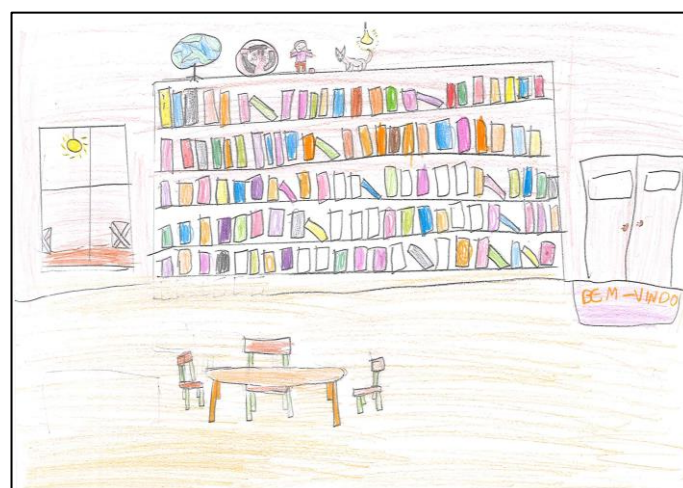


Figura 1 – Representação da sala de leitura da Escola Estadual Eugênio Franco, São Carlos. Desenho produzido por aluno(a) do 2º ano da escola. Fonte: Acervo dos pesquisadores.



Figura 2 – Fotografia da sala de leitura da Escola Estadual Eugênio Franco, São Carlos.
Fonte: Acervo dos pesquisadores.

A Figura 3 refere-se a um desenho característico da segunda estratégia. O espaço analisado é a fachada lateral da escola, vista da quadra. Nesse caso, nota-se um processo de escolha de um elemento específico, a janela, e a multiplicação do mesmo, como forma de ressaltá-lo. Pode-se concluir que, para a criança, o que é mais marcante nesse espaço são as janelas, e dessa forma, a criança sente a necessidade de ressaltá-la, e ao desenhá-la várias vezes consegue atingir seu objetivo. Em comparação com a fotografia (Figura 4) percebe-se que de fato as janelas desempenham um papel fundamental na qualidade plástica dessa fachada. O desenho indicia que esse papel das janelas afeta significativamente a apreensão da criança desse espaço.

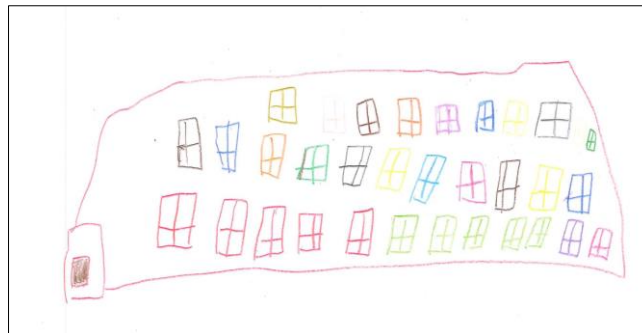


Figura 3 – Representação da fachada lateral da Escola Estadual Eugênio Franco, São Carlos.
Desenho produzido por aluno(a) do 1º ano da escola. Fonte: Acervo dos pesquisadores.



Figura 4 – Fotografia da fachada lateral da Escola Estadual Eugênio Franco, São Carlos.
Fonte: Acervo dos pesquisadores.

A leitura aqui sistematizada é apenas um recorte dentre os outros desenhos infantis dos espaços da escola. Os desenhos a seguir revelam as particularidades que simbolizam o prédio enquanto Grupo Escolar do começo do século XX. Os elementos de disciplina, hierarquização e monumentalidade identificados nos desenhos estão presentes nas construções que expressavam os ideais republicanos de educação. Essas características representadas pelos alunos, mesmo que não ocorram na realidade, demonstram que apesar da escola não funcionar mais dentro de princípios de uma educação civilizatória e as práticas didáticas atualmente caminham em outra direção, o espaço ainda carrega consigo símbolos e significados próprios da narrativa republicana.

As Figuras 5 e 6 retratam a hierarquização dos papéis dos agentes por meio da distinção entre os alunos e a professora. A Figura 5 a figura do docente é representada como aquela que possui seu lugar definido por meio de mobiliário próprio. Os alunos estão soltos sobre a linha do solo. Na Figura 6 uma professora é retratada como uma figura maior e destacada em relação aos alunos. Em ambos os casos, percebe-se a mobilização de recursos gráficos na distinção professor/alunos. As motivações da permanência de tal distinção não são possíveis de inferir por meio dos desenhos, mas inquieta a pesquisa a recorrência de tal relação consolidada na escola republicana.



Figura 5 – Representação da sala de aula da Escola Estadual Eugênio Franco, São Carlos. Desenho produzido por aluno(a) do 2º ano da escola. Fonte: Acervo dos pesquisadores.



Figura 6 – Representação da sala de aula da Escola Estadual Eugênio Franco, São Carlos. Desenho produzido por aluno(a) do 2º ano da escola. Fonte: Acervo dos pesquisadores.

A Figura 7 representa a sala de aula, possuindo uma série de elementos que remetem a ordenação dos corpos para o aprendizado. A primeira característica apresentada é a representação da sala de aula com uma organização rígida, configurada pela disposição regular e alinhada das carteiras. É interessante notar que a diversidade de atividades didáticas induz a uma variação no arranjo das carteiras formando grupos, rodas de conversas, entre outras. No entanto, as crianças ao chegar na sala encontram na configuração republicana ordenada. A recorrência de tal configuração nos desenhos, como exemplo na Figura 8, nos permite afirmar que para os alunos tal imagem afeta em um maior grau que as outras configurações vivenciadas. O entendimento das crianças sobre esse espaço passa ainda a ser afetado pela representação da ordem republicana. A Figura 9 apresenta a associação entre as duas estratégias gráficas que indiciam a influência na percepção do ambiente cotidiano escolar da hierarquização das relações sociais e educativas figuradas na organização espacial.

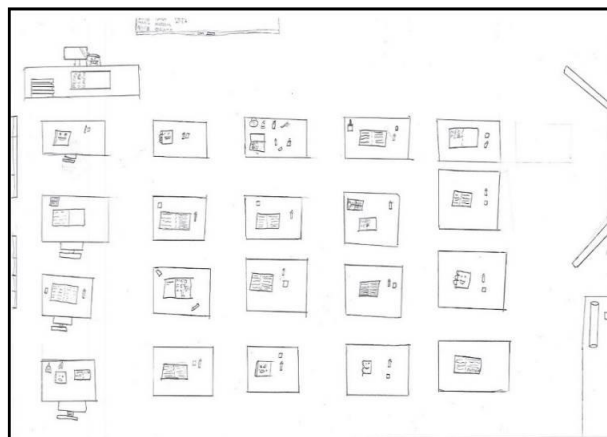


Figura 7 – Representação da sala de aula da Escola Estadual Eugênio Franco, São Carlos. Desenho produzido por aluno(a) do 3º ano da escola. Fonte: Acervo dos pesquisadores.

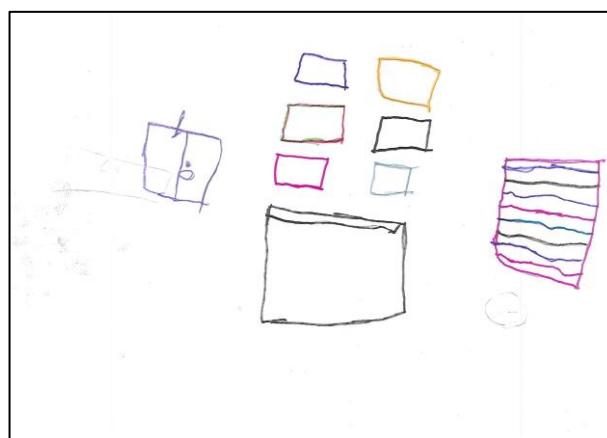


Figura 8 – Representação da sala de aula da Escola Estadual Eugênio Franco, São Carlos. Desenho produzido por aluno(a) do 1º ano da escola. Fonte: Acervo dos pesquisadores.



Figura 9 – Representação da sala de aula da Escola Estadual Eugênio Franco, São Carlos. Desenho produzido por aluno(a) do 3º ano da escola. Fonte: Acervo dos pesquisadores.

A Figura 10 representa a fachada principal do edifício escolar, voltada para a rua e por onde ocorre a entrada para a escola. Essa vista do edifício contém a maioria dos símbolos da educação republicana, como por exemplo a monumentalidade, típica dos grupos escolares, adotada para destacar o equipamento dos demais edifícios. Na Figura 11 os elementos da fachada são representados de uma maneira que lhes conferem autonomia. As torres, o portão e um volume aparecem separados uns dos outros, tendo o gradil como elemento de ligação. Na Figura 12, o aluno, da mesma turma do aluno da Figura 11, escolhe quase os mesmos elementos para representar essa fachada, no entanto, confere a unidade do conjunto pela constituição de um volume único, como de fato ocorre. Em ambos os casos, percebe-se, nos desenhos realizados de memória, um processo de ênfase e exclusão, denotando uma valoração nos elementos enfatizados. Os detalhes representados, como o gradil das janelas do porão e principalmente as torres, indiciam como a constituição do imaginário sobre a escola, ainda nos dias atuais, é pautado pelas estratégias de comunicação arquitetônica engendradas em um contexto historicamente distinto. Os sentidos de tal permanência se coloca como uma questão importante a ser investigada nos desdobramentos da pesquisa.

Na figura 13 tem-se um destaque para um elemento de ornamentação que traz simbolicamente o sentido de nação. Trata-se de um brasão que reelabora visualmente os três elementos metafóricos da bandeira brasileira (Figura 14). No entanto, para o aluno essa operação gráfica, presente no brasão, é apagada e utiliza-se da própria bandeira. A mesma operação de figuração pode ser percebida na substituição da fachada existente por algo próximo ao padrão de representação do objeto 'casa'. O processo de ênfase e exclusão presente nos dois desenhos anteriores é mais utilizado em outra chave de figuração. Ocorre a substituição dos objetos vistos por símbolos adquiridos anteriormente. Uma adoção dos procedimentos de codificação da língua

escrita nas estratégias gráficas. Nesse sentido, percebe-se a "casa" no lugar da torre pela presença da "bandeira" no lugar do brasão.



Figura 10 – Fachada da Escola Estadual Eugênio Franco, São Carlos. Fonte: Acervo dos pesquisadores.



Figura 11 – Representação da fachada da Escola Estadual Eugênio Franco, São Carlos. Desenho produzido por aluno(a) do 2º ano da escola. Fonte: Acervo dos pesquisadores.

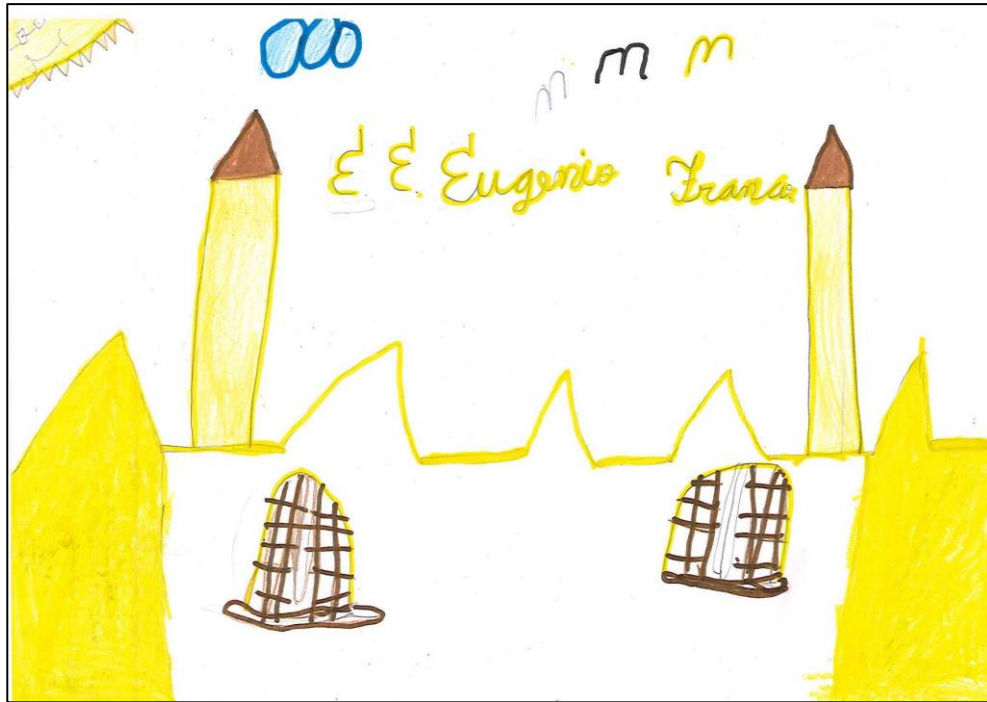


Figura 12 – Representação da sala de aula da Escola Estadual Eugênio Franco, São Carlos. Desenho produzido por aluno(a) do 3º ano da escola. Fonte: Acervo dos pesquisadores.



Figura 13 – Representação da fachada da Escola Estadual Eugênio Franco, São Carlos. Desenho produzido por aluno(a) do 4º ano da escola. Fonte: Acervo dos pesquisadores.



Figura 14 – Fotografia de detalhe da fachada da Escola Estadual Eugênio Franco, São Carlos.
Fonte: Acervo dos pesquisadores.

Os desenhos da fachada da escola trazem a recorrência na figuração de elementos, por meio de diferentes estratégias gráficas, que foram mobilizados na constituição das narrativas de ordem e progresso de uma nação. Infere-se que esse impacto de tais figuras arquitetônicas no imaginário dos alunos possa ser uma construção social promovida pelos agentes de educação. Porém, os desenhos dos mais novos nos trazem índices de como a questão da escala e da tipologia afetam significativamente tal imaginário, em um momento anterior à construção, pelos docentes⁴, de discursos sobre a pátria por meio dos signos articulados na fachada.

4.2 Discussão dos resultados

A amostra dos desenhos analisados permitiu inferir algumas questões importantes para a pesquisa e seus possíveis desdobramentos. Considerando os parâmetros estabelecidos a partir de Luquet (1969) e Massironi (1982), percebeu-se que o desenho de memória se mostrou um instrumento adequado à faixa etária que compõem o grupo

⁴ A coleta dos desenhos ocorreu em maio, ou seja, os alunos do 1º ano tinham poucos meses de convívio com o espaço e com os professores.

de alunos participantes em função de possibilitar o registro das inferências dadas a partir da vivência dos espaços. Ou seja, a tendência em prevalecer o que se sabe sobre o assunto desenhado e o uso de ênfases e exclusão para tal fim encontram a ferramenta própria no desenho desenvolvido por meio da mobilização de memórias e lembranças.

Nesse sentido, percebeu-se a recorrência das configurações arquitetônicas pautadas por noções civilizatórias de ordem e progresso, características do projeto educacional republicanos que gerou o edifício em questão. A qualidade das representações variou entre a distância (Figura 8) e a proximidade (Figura 9) de uma figuração mimética, mas sempre pautada pela presença de estratégias gráficas que colocavam os elementos representados em determinados tipos de relação visual. A compreensão de tais relações visuais permitiu identificar as estruturas de organização espacial que constituíam os discursos educacionais dos Grupos Escolares na percepção dos alunos.

Por fim, cabe destacar que as características plásticas (linha, cor, ocupação do campo, entre outras) dos desenhos indiciam que tais estratégias, de organização dos corpos e de discursos acerca da nação, não indiciam uma condição perturbadora para os alunos. Ao contrário, a recorrência no uso de diversas cores, sinais de sorrisos, entre outras características, indiciam um pertencimento a tais espaços. A continuidade de atividades de pesquisa, envolvendo outros campos disciplinares, poderá clarear tal questão.

5 Considerações finais

O presente estudo investigou através de desenhos realizados pelos atuais alunos da Escola Estadual Eugênio Franco, a relação entre os alunos e a escola. As representações gráficas sobre o edifício escolar realizadas por esses alunos, foram a base para o desenvolvimento da pesquisa. Por meio dos desenhos, foi possível analisar o espaço escolar enquanto mediador simbólico entre o passado e o presente, compreendendo as percepções e a noção de pertencimento das crianças nesse espaço escolar. A análise dos desenhos foi realizada de modo a evidenciar as relações entre os alunos e o edifício escolar. O conjunto de desenhos analisados demonstram a compreensão das relações de poder impressas nesse patrimônio cultural. Nas representações gráficas dos alunos dos 1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano é possível identificar alguns símbolos coerentes com os modelos disciplinares da ideologia republicana do começo do século XX. Nesse sentido, destaca-se que mesmo não funcionando mais como Grupo Escolar, ainda carrega em seus espaços alguns sistemas de valores daquele período, como os sistemas de dominação e controle, mesmo que na prática

não ocorra, no imaginário da criança esses valores são identificados e representados nos desenhos. Observa-se ainda alguns elementos que revelam o prédio como patrimônio cultural e arquitetônico, através de características específicas da escola.

Nesse sentido, como contribuição desta pesquisa, conclui-se que o ato de desenhar invoca uma visão crítica e propositiva do indivíduo em relação ao espaço representado. Dessa maneira, o desenho além de ser um meio de expressão, possui uma importante função de formação do indivíduo. Além disso, ao analisar os desenhos dos alunos sobre a escola que vivenciam, reitera-se a importância de se incentivar a representação gráfica como ferramenta de descoberta, linguagem e compreensão, posto que através do desenho o indivíduo consegue expressar suas experiências espaciais, sua forma de ver determinado espaço e como se sente nele.

Agradecimentos

Agradecemos ao Núcleo de Pesquisa em Estudos de Linguagem em Arquitetura e Cidade (N.ELAC) do Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU.USP), grupo no qual a presente pesquisa foi desenvolvida; à colaboração da gestão e dos alunos da Escola Estadual Eugênio Franco; e à Universidade de São Paulo (USP) pela bolsa de iniciação científica concedida.

Referências

BUFFA, Ester; PINTO, Gerson de Almeida. **Arquitetura e Educação: organização do espaço e propostas pedagógicas dos Grupos Escolares paulistas, 1893-1971**. São Carlos/Brasília: EdUFSCAR/INEP, 2002.

CASTILHO, Clarissa Silva de. **O Espaço escolar como mediador simbólico: cultura, experiência e sentidos**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

FARIA FILHO, Luciano de Mendes. O espaço escolar como objeto da história da educação: algumas reflexões. **Rev. Fac. Educ.** [online], vol.24, n.1, p.141-159,1998.

FDE (Fundação para o Desenvolvimento da Educação). Concorrência 05/09639/10/01. Diário Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, 12 mar. 2010. Seção 1, p. 171.

FLORÊNCIO, Sônia R. et al. **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processo**. Brasília, DF: Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2014.

LUQUET, Georges-Henri. [1927] **O desenho infantil**. Porto: Ed. Minho, 1969.

MARCON, G. H.; FURLAN, R. Afeto e subjetividade nos primeiros trabalhos de Merleau-Ponty. **Memorandum**. Belo Horizonte, v. 29, p. 208-232, 2015.

MASSIRONI, Manfredo. **Ver pelo desenho: aspectos técnicos, cognitivos, comunicativos**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1982.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: EDUSP, 2009.

SOUZA, Rosa Fatima. Tempos de infância, tempos de escola: a ordenação do tempo escolar no ensino público paulista (1892-1933). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n.2, p. 127-143, 1999.

SOUZA, Rosa Fatima. **Templos de civilização: A implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo, UNESP, 1998.

SOUZA, Igor A. N.; THOMPSON, Analucia. A Educação Patrimonial no Âmbito da Política Nacional de Patrimônio Cultural. **Políticas Culturais em Revista** [online], v. 8, n. 1, p. 153-170, 2015.

UNWIN, Simon. **A análise da arquitetura**. Porto Alegre: Bookman, 2013.